



## **DIALÉTICA MATERIALISTA: UMA PERSPECTIVA NECESSÁRIA PARA EDUCAÇÃO POPULAR**

Fernando Bilhalva Vitória - UFPel<sup>1</sup>

**Resumo:** A presente *reflexão*, de cunho teórico, decorre de estudos relacionados ao projeto de pesquisa – intervenção, apoiado pela CAPES/INEP, e desenvolvido no âmbito dos três Estados do Sul: PR/RS e SC. Neste sentido, parte-se da premissa de a educação como um lugar estratégico de luta e consolidação hegemônica de uma classe dominante, como também um lugar especial de luta contra-hegemônica, na garantia do trabalho, da liberdade e da emancipação, na produção de um projeto de sociedade diferente, aonde o social venha antes, ou melhor, determine o econômico. Fala-se, portanto, de outra concepção de educação, ou seja, da Educação Popular como um projeto de educação contra-hegemônico que busca a transformação real da sociedade. Nessa perspectiva a dialética é tida como um dos fundamentos do *fazer-se educação*. A partir da referência demarcada acima, a proposta de trabalho apoia-se em uma concepção dialética da realidade, onde esta se apresenta como um dos fundamentos da Educação Popular no continente Latino Americano. Nesta direção, destaca-se a categoria da contradição, produzida por Marx – na dinâmica do trabalho como princípio educativo, ou melhor, a integração entre trabalho e educação como desafio de uma educação com características emancipatórias, para além das ideologias do desenvolvimento econômico: a do capital humano, da teoria da competência e da empregabilidade. Entende-se a formação humana como omnilateral, e que o conhecimento, a pesquisa e a apreensão da realidade implica estabelecer elos entre a parte e a totalidade, como um todo estruturado de forma dialética e de múltiplas relações. Para isso, compreende-se que seja necessário o apoio de um método que parta da materialidade, e que mostre a forma como a realidade se manifesta.

**Palavras-Chave:** Fundamentação, Método; Dialética; Educação Popular.

### **Introdução**

Esta reflexão é resultante de estudos, da pesquisa, debates e práticas que vem se desenvolvendo no âmbito Projeto de Pesquisa – Intervenção: Observatório da Educação, com ênfase na Educação do Campo, nos Três Estados do Sul (PR, SC, RS), no núcleo da Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação, – Núcleo UFPel/RS -, aprovado pela CAPES/INEP em 2010. O projeto desenvolvido integra professores pesquisadores, doutorandos, mestrandos, estudantes de graduação e professores de seis escolas, nas quais o projeto se desenvolve.

Os autores do presente texto compõem o núcleo que atua na escola Municipal João da Silva, no interior da cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul. O esforço realizado

---

<sup>1</sup> VITÓRIA, Fernando Bilhalva. Doutorando em Educação pela UFPel, ([fbilhalva2@gmail.com](mailto:fbilhalva2@gmail.com)).

foi o de avançar na sistematização dos estudos, decorrentes da investigação e das práticas, realizado pelo coletivo do Observatório, na direção da fundamentação teórica. Caracteriza-se, portanto, um estudo de cunho teórico.

Neste contexto, a proposta intitulada acima, procura estabelecer um diálogo de fundamentação do método dialético materialista, produzido por Marx, como princípio necessário na compreensão e intervenção na educação dos trabalhadores. Trata-se da necessidade de pensar a educação popular em suas dimensões sociais e históricas, a partir do recorte de classe na centralidade do trabalho como princípio educativo.

Deste modo, o estudo pretende focalizar a dialética como um dos fundamentos da educação popular, como instrumento que orienta a concepção de educação popular enquanto práxis transformadora da realidade, no caminho da libertação e emancipação dos sujeitos.

## **1 Pressuposto necessário: importância da dialética para a Educação**

Antes de qualquer possibilidade, gostaríamos de partir de uma premissa básica para entendimento do fenômeno educação: como um lugar estratégico de luta e consolidação hegemônica de uma classe dominante, como também um lugar especial de luta contra-hegemônica na garantia do trabalho, liberdade e emancipação, na produção de um projeto societário diferente, aonde o social venha antes, ou melhor, determine o econômico, neste caso estamos falando de outra concepção de educação, a Educação Popular. Exatamente isso, a Educação Popular como um projeto de educação contra-hegemônico que busca a transformação real da sociedade

Nesta perspectiva, é necessário lembrar que a história da educação brasileira tem sido marcada por uma dicotomia entre um saber das elites, proprietários de terra e de capital, e um saber de adestramento para os trabalhadores, principalmente pelos matizes de civilização organizada, sob o prisma de colônia européia a partir do século XV.

Dentro desta dinâmica, a educação no Brasil é marcada sobre bases de um processo discriminatório entre as elites, detentoras do poder econômico-político, e os seus subordinados, processando-se assim a cisão pela divisão social do trabalho, entre saber teórico e o saber prático, ou melhor, entre quem pensa e quem executa. Conforme Manacorda:

O conhecimento sempre foi reservado a uma elite, aos filósofos, aos sábios, aos religiosos. Na Europa, à medida que vai desaparecendo o aprendizado tradicional da oficina do artesão e o controle do saber pelas corporações de artes e ofício, ocorre a criação de escolas e sua extensão aos trabalhadores produtivos. Mas os conteúdos vão diferir entre formação dos dirigentes e a instrução do povo considerada como obra beneficente e baseada no trabalho produtivo (MANACORDA, 1989. apud,

FRIGOTTO, 2005 p. 31).

Nesta perspectiva histórica, a dialética configura-se um instrumento importante no desvelamento da dicotomia estrutural entre cultura geral e cultura laborial, situação que viabiliza a oferta de uma educação academicista aos filhos das classes favorecidas socioeconomicamente e uma educação instrumental, voltada para o trabalho, para os filhos da classe trabalhadora de uma educação pobre para os pobres que é resultado da sociedade de classes.

Neste sentido, compreende-se a educação popular como elemento estratégico de autonomia e de alternativas de trabalho e renda, no sentido de recuperar a relação entre trabalho e conhecimento, ou melhor, a dimensão ontocriativa do trabalho que cria e recria o homem a todo o momento. Por isso,

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põem em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mão -, a fim de apropriar-se dos recursos natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza (MARX, 2008, p. 211).

A compreensão e importância do trabalho em Marx “não se reduz à atividade laborial ou emprego, mas à produção de todas as dimensões da vida humana” (FRIGOTTO, 2005, p. 58).

Não há um acordo à delimitação do conceito de educação popular, mas o primeiro e fundamental aspecto na produção deste termo, é o corte de classe social presente na sua constituição, ou seja, é uma educação voltada aos interesses dos sujeitos que vivem do trabalho e que não detêm o poder econômico-político. Conforme (RIBEIRO, 2010, p. 47): “A educação popular tal como a compreendemos tem, portanto, um caráter de classe e é isso o que distingue de um conceito de abstrato de educação”.

Nesta direção, pensa-se a educação popular, não como algo idealizado, inato, mas na produção de uma educação transformadora, a partir das relações sociais históricas postas pela exploração do trabalho, da perda da terra, e a autonomia dos sujeitos que vivem do trabalho, para além de políticas assistencialistas e salvacionistas, ou seja, a segunda característica posta para esta perspectiva é seu caráter político, onde as camadas populares são protagonistas e não meros recebedores de assistência populista.

Segundo Paludo, em artigo publicado em 2008, a educação popular é composta por quatro elementos básicos que aqui se pretende indicar: a indissociabilidade entre político e

pedagógico, ou seja, não é neutra; o marco ontológico, na medida em que tem o homem como centro; o marco ético, expresso no compromisso da transformação social; e o epistemológico, um vez que o conhecimento é produzido socialmente pelos seres humanos, dentro de determinadas condições sociais.

Nesta dinâmica, a educação popular está vinculada a um projeto de nação e desenvolvimento diferente, a partir das lutas sociais populares, juntamente como uma experiência educativa que expressa à resistência de viver do trabalho, mas também de produzir seu próprio saber, frente às diferentes tentativas de destruição (CALDART, 2004, p. 129).

A partir das referências demarcadas acima, o estudo tenciona em apontar a concepção dialética da realidade, como um dos fundamentos da Educação Popular, no continente Latino Americano, em que se destaca a categoria da contradição, produzida por Marx – na dinâmica do trabalho como princípio educativo<sup>2</sup>, ou melhor, a integração entre trabalho e educação como desafio de uma educação com características emancipatórias, para além das ideologias do desenvolvimento econômico, como a do capital humano e da teoria da competência e da empregabilidade.

Baseada em Marx (1982; 1979); Marx e Engels (1992) Gramsci (s/d), Lukács (1978), Frigotto (2002), Nosella (1990) e em estudos que desenvolvo em Ribeiro (1999), conceptualizo a formação humana em uma dimensão omnilateral, que se constitui em processos contraditórios de objetivação e subjetivação assentados sobre o trabalho como o elemento crucial que articula dialeticamente a satisfação das necessidades com a conquista da liberdade (RIBEIRO, 2002, p.3).

Entendendo a formação humana como omnilateral, nos termos acima colocados pela autora, pensa-se que o conhecimento, a pesquisa e a apreensão daquilo que se considera o concreto, implica estabelecer as coisas como dotadas de uma totalidade porque se apresentam como um todo estruturado de forma dialética e de múltiplas relações. Para isso, entende-se que seja necessário apoiar-se num método que parta da materialidade, e que mostre a forma como a realidade se manifesta.

---

<sup>2</sup> O que distingue o homem dos outros animais, num dado momento da história, é que ele produz sua própria existência pelo trabalho, ou seja, a forma como ele se apresenta no mundo, coincide com "o que" e "como" ele produz. A produção da existência não é um processo dividido em formas de trabalho pensado e praticado, mas como um todo. Porém, com o advento da propriedade privada e a divisão social do trabalho, cria-se uma dicotomia, ou seja, o trabalho intelectual e o trabalho manual. Por exemplo: gozo e trabalho, produção e consumo, miséria e opulência, individual e coletivo, o público e o privado. No entanto, a possibilidade de viabilizar a superação destas dicotomias existentes, na criação de condições que leve à emancipação humana, reside na integração entre ensino e trabalho, ou Trabalho e Educação. Consultar Robinsom dos Santos, 2005 – In: CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA MARXIANA – Revista Espaço Acadêmico – acesso na Internet em 28/10/2010.

Conceber o mundo como uma totalidade exige o conhecimento das partes e, conseqüentemente, da relação entre elas, ou seja, a matéria e o movimento desta materialidade.

A tentativa de aproximação e apreensão do real requer uma análise dialética e histórica, para atingir um nível explicativo da realidade. [...] A realidade é um todo que se constrói e, para apreendê-la, é preciso ter a compreensão de sua dinamicidade, que constitui ou que resulta de um conjunto de elementos e sujeitos que não poderão ser relegados ao esquecimento por parte do pesquisador (GRITTI, 2008, p. 17).

A partir, da relação dialética com e para com a realidade – a dialética permite não só a compreensão da dinamicidade como a autora acima trata, mas o desvelamento da realidade a partir das contradições materiais da própria realidade que se faz a todo o momento, e este é o movimento que compreende a educação popular, o movimento de trazer para a realidade a materialidade dos acontecimentos e ressaltar as contradições existentes.

## **2 Em busca do aprofundamento: Marx e a dialética**

Nesta dinâmica, e contrário a qualquer perspectiva para além da dialética, Marx insere-se na maior disputa espiritual de seu tempo, determinada pela vultosa figura de Hegel, cujo pensamento ele chama de "a filosofia atual do mundo". Inicialmente, Marx dedica-se a Hegel com paixão para, depois, distanciar-se dele.

Sua crítica inicia-se pela concepção da história de Hegel. Para Hegel, a história não é uma mera seqüência casual de acontecimentos, mas um suceder racional que se desenvolve segundo um princípio imanente, ou seja, uma dialética interna. O decisivo nisso é que o verdadeiro sujeito da história não são os homens. Na história dominaria um espírito que tudo abrange, que ele designa como "espírito do mundo" ou "espírito absoluto" ou mesmo "Deus". Esse, o Deus que 'vem-a-ser', realiza no curso da história sua autoconsciência.

Pra Hegel, em seu tempo e em seu próprio sistema, o espírito absoluto teria, após todos seus descaminhos através da história, finalmente alcançado seu objetivo: a perfeita autoconsciência. "O espírito universal chegou ora até aqui. A última filosofia é o resultado de todas as anteriores; nada está perdido, todos os princípios foram preservados. Esta idéia concreta é o resultado dos esforços do espírito por quase 2500 anos, seu fervoroso trabalho, de reconhecer-se"(MARX, 1926, p.326).

Portanto, após o surgimento da filosofia hegeliana, não poderia haver mais nada realmente inconcebível. Tudo é racional. Esse é o sentido da conhecida frase do Prefácio à Filosofia do Direito: "O que é racional é real; e o que é real é racional." (HEGEL, 1997, p.35). Razão e realidade chegaram, portanto, segundo Hegel, finalmente à adequação uma com a outra; elas foram verdadeiramente conciliadas. O espírito absoluto compreendeu a si mesmo como a realidade total e a realidade total como sua própria manifestação.

Aqui entra a contestação de Marx. Aquele pensamento de Hegel, de que a realidade toda tinha de ser entendida a partir de um espírito absoluto, consiste para ele em um injustificado "misticismo".

Em oposição a isso, a decidida exigência de Marx, de colocar a filosofia, 'de cabeça para baixo ou de volta sobre os pés', é que a visão da realidade deveria ser invertida. A realidade deste mundo não deve ser explicada com base em uma realidade divina. Contrariamente, o ponto de partida do pensamento deve ser a realidade concreta. E é também desta realidade que parte o método da educação popular, da realidade concreta dos sujeitos, onde 'emersos' no hoje constroem possibilidade do amanhã, ou como nos alerta Freire "a esperança sendo utópica exige dos lutadores/as do povo a "concretude histórica", porque sendo, fazemos história e fazendo história estamos sendo, enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para torna-se concretude histórica" (FREIRE, 1992, p.11).

totalmente ao contrário do que ocorre na filosofia alemã, que desce do céu a terra, aqui se ascende da terra ao céu. Ou, em outras palavras: não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. E mesmo as formações nebulosas do cérebro dos homens são sublimações necessárias de seu processo de vida material, empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, assim como as formas de consciência que a eles correspondem, perdem toda a aparência de autonomia. Não têm história, nem desenvolvimento; mas os homens, ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência (MARX & ENGELS, 2001, p. 19-20).

Na contribuição de Marx e Engels – na Ideologia Alemã, percebe-se a força e o papel das relações de produção na transformação das relações sociais e um compromisso com o trabalho humano, não imaginado ou idealizado.

É, portanto, vital que do ponto de partida da educação popular o qual no debruçamos a estudar, sejam as relações sociais reais, da realidade objetiva que não é ideal, mas feita por pessoas dentro de determinadas condições sociais e históricas, que estão em plena

dinamicidade. Nesta perspectiva, considerando a possibilidade de desfeticizar seus desdobramentos e mistérios encobridos da realidade objetiva. Isso porque, entende-se que o movimento do real pode ser o caminho para a possibilidade de uma visão crítica da realidade, na busca de uma totalidade que trabalha com a materialidade histórica e dialética como fio condutor e referencial teórico de análise das interfaces da educação popular.

Quando Hegel afirma que a realidade estaria conciliada com a razão, ele não poderia, segundo Marx, ter em vista a realidade concreta. Em Hegel, tudo se passa no âmbito do mero pensamento. Mesmo a realidade sobre a qual ele fala, é a mera realidade pensada.

Para Marx, porém, a realidade factual mostra-se contraditória, inconcebível e, portanto, não conciliada com a razão. Todo o empenho filosófico de Hegel enfraquece porque ele não é capaz de incluir essa realidade efetiva em seu pensar, por mais abrangente que esse seja. Um exemplo; é o acirramento da sociedade em classes. O mundo, porém, é um mundo em movimento, que se opõe a uma filosofia fechada em sua própria totalidade. Conforme Marcos Kammer (1998, p.66):

Tomando as representações da realidade como formas diretamente vinculadas a sua base material, a crítica de Marx descaracteriza qualquer discurso que não tiver presente sua própria referência à base material da sociedade e de suas contradições. [...] firma-se definitivamente uma concepção material dos processos da história e da própria representação dos homens como resultado desse processo das relações materiais da sociedade, indicando a forma precisa da necessidade de se constituir a forma crítica de pensar a totalidade...

Nesta perspectiva, a filosofia como Marx a postula – em contraposição a Hegel e em concordância com Feuerbach – é uma filosofia da existência humana. "A raiz do homem é o próprio homem" (MARX, 1926, p. 328) e suas relações com a natureza. Marx denomina sua filosofia por isso mesmo de "humanismo real". O real primeiro e originário para o homem é o próprio homem. É dele, portanto, que o novo pensar também tem de partir. Então, o novo, a contra-hegemonia, questão central da educação popular no continente Latino Americano parte daí, dos sujeitos coletivos.

Mas o que é o homem? O significativo aqui é que Marx não considera o homem, como o faz Hegel, essencialmente a partir de sua faculdade de conhecer. Nem a partir da sensibilidade como o faz Feuerbach. Ao contrário, trata-se decisivamente da práxis humana, da ação concreta. "É na práxis que o homem comprova a verdade, isto é, a realidade, o poder e a mundanidade de seu pensamento... Parte-se do homem real que age." (MARX, 1972, p. 52). É da essência da práxis humana, que ela se realize na relação do homem com o outro homem. Marx ressalta com toda clareza: o homem vive desde sempre em uma sociedade que o supera. Assim, o indivíduo é o ser social. E aqui também podemos identificar questões

atuais no campo da educação popular, como a intersubjetividade. Para Marx a formação do homem se dá na relação com outro ser humano, e ao mesmo tempo através da relação com a natureza, que por sua vez irá originar-se o trabalho. Essa natureza social constitui para Marx o ponto de partida para toda reflexão subsequente. Assim, deve-se entender a muito discutida frase: "Não é a consciência do homem que determina seu ser, mas é seu ser social que determina sua consciência" (MARX 1974).

O conhecimento da realidade é "determinado" pela realidade e não vice-versa como queria Hegel. A nenhum dos filósofos pós-hegelianos "ocorreu sequer perguntar pelo entroncamento (vinculação) da filosofia alemã com a realidade da Alemanha, pela vinculação de sua crítica com o próprio mundo material que a rodeia" (FEUERBACH II, apud DUSSEL, 1974, 142).

O conhecimento é condicionado pelas condições reais de vida. Não é o mesmo viver e trabalhar no campo e viver e trabalhar na cidade, como patrão, arrendatário ou peão, como detentor do capital, empresário ou obreiro, como conquistador ou conquistado, como homem ou mulher. Portanto, o conhecimento é construído na ação-reflexão-ação, e assim podemos dizer que esta se torna também a base de concepção da educação popular, por isso, a práxis se torna o próprio fazer popular, ou seja, da educação popular.

E a produção de ideias e representações da consciência aparecem, em princípio, entrelaçadas com a atividade material, e com a produção material dos homens, como linguagem da vida real. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.<sup>3</sup>

A realidade, a materialidade condiciona o pensamento. A materialidade consiste na possibilidade de ser trabalhada, a manuseabilidade, a "pragmidade", a utilidade da realidade: a economicidade da realidade, podendo ser transformada em arma, alimento, casa, vestuário e não apenas enquanto objeto de conhecimento.

Para Marx, o fundamento último da realidade é o trabalho. Ele é (como diria Adam Smith, 1981) a origem de todo o econômico, o horizonte ontológico de compreensão da ciência econômica. A categoria mais simples, o fundamento de todo o que é produzido. O trabalho é categoria e realidade configurante da realidade. Dele deriva a totalidade concreta e histórica.

---

<sup>3</sup> O que os Irmãos Wachowski chamaram de Matrix em seu filme (1999) que tem como objetivo principal "usar e controlar a inteligência humana para dominar o mundo, criando uma realidade virtual ou uma falsa realidade, na qual, todos acreditam". (CHAUI, 2005, p. 10), também pode ser chamada no sentido marxiano de "Ideologia".



O fundamento, o ser, é o trabalhar. O trabalho, como categoria primitiva e indeterminada que identifica o homem com a natureza, enquanto nela ele produz e reproduz sua vida. Por isso,

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põem em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mão -, a fim de apropriar-se dos recursos natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza (MARX, 2008, p. 211).

A compreensão e importância do trabalho em Marx, é que o trabalho não se reduz à atividade laborial ou emprego, produzida historicamente pela divisão social do trabalho, configurada pelo capitalismo na forma de mercadoria, caracterizado pelo trabalho alienado, ou a venda da força de trabalho, na produção essencial de mais-valia. Nesta direção, conforme (MARX, 1984, p.105-106):

a produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, é essencialmente produção de mais-valia. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, portanto, que produza em geral. Ele tem de produzir mais-valia. Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital. [...] O Conceito de trabalho produtivo, portanto, não encerra de modo algum apenas uma relação entre a atividade e efeito útil, entre trabalhador e produto do trabalho, mas também uma relação de produção especificamente social, formada historicamente, a qual marca o trabalhador como meio direto de valorização do capital. Ser trabalhador produtivo não é, portanto, sorte, mas azar.

É no trabalho e pelo trabalho que os homens se relacionam socialmente. São relações econômicas. A auto-alienação do homem tem sua raiz na alienação do trabalhador do produto de seu trabalho: este produto não pertence ao trabalhador para seu usufruto, mas ao empregador que acumula a mais-valia do trabalho alheio.

O produto do trabalho torna-se uma "mercadoria", isto é, uma coisa estranha ou alheia ao trabalhador, que o coloca em posição de dependência, porque ele precisa comprá-la para poder subsistir. "O objeto que o trabalho produz, seu produto, apresenta-se a ele como uma essência estranha, como um poder independente do produtor" (MARX, 1974, p.5). Da mesma forma também o trabalho se torna "trabalho alienado": não como exigência de sua autoconservação; o trabalho torna-se, em sentido próprio, "trabalho forçado". Esse desenvolvimento atinge sua culminância no capitalismo da sociedade burguesa, no qual o capital assume a função de um poder separado dos homens.

A sociedade burguesa é a culminância da dialética de trabalho alheio acumulado (capital) e de trabalho heterodeterminado e alienado. Para Marx, a totalidade é a sociedade burguesa – hoje a sociedade do capital flexível “a mais completa e desenvolvida organização histórica da produção... que permite compreender a organização e as relações de produção de todas as formas de sociedades passadas, sobre cujas ruínas e elementos ela foi edificada e cujos vestígios, embora não superados, continua arrastando, ao mesmo tempo em que meros indícios prévios desenvolveram nela sua plena significação”<sup>4</sup>. Como se vê, a totalidade burguesa tende a ser o horizonte único de interpretação da história.

Marx pretendeu uma dialética rigorosa não apenas do pensamento, mas da práxis, apta a anular todas as alienações ideológicas (um materialismo histórico) que invertesse a dialética hegeliana (um pensar de cabeça para baixo), e que não fosse apenas um pensamento que pensa misticamente a realidade e que não permite transformá-la.

Não é por meio da consciência comum que o homem se constitui como sociedade, mas por meio do trabalho comum. É pelo trabalho que o homem produz e reproduz a existência humana. Pois o homem é originariamente um ser econômico. As relações econômicas e particularmente as forças produtivas a elas subjacentes são a base (ou a "infra-estrutura") de sua existência.

Apenas na medida em que essas relações econômicas se modificam, também se modificam os modos da consciência, que representam a "superestrutura ideológica". Desta superestrutura fazem parte o Estado, as leis, as idéias, a moral, a arte, a religião... Na base econômica reencontram-se também aquelas leis do desenvolvimento histórico, como as que Hegel atribuiu ao espírito. As relações econômicas desdobram-se de modo dialético, como oposição de interesses econômicos.

Para Hegel, o real é o pensar e o pensado; para Schelling, indo além da ontologia da identidade do ser e do pensar, o real é o revelado; para Feuerbach o real se abre para o âmbito da sensibilidade, da afetividade, da relação eu-tu, homem-homem; para Marx o real é o produzido, o trabalhado, e a relação eu-tu é a relação de senhor (possuidor do capital) e explorado (vendedor espoliado do trabalho) num determinado modo de produção<sup>5</sup>. A realidade é o produto do trabalho, o horizonte de interpretação é a laboriosidade. Mais precisamente, no conflito de classes. Por isso, para Marx, a história é principalmente a história das lutas de classe<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Ideologia Alemã, p. 253.

<sup>5</sup> Isto clama por sua superação na direção da co-laboração, da solidariedade, ou mesmo a auto-gestão.

<sup>6</sup> Manifesto do Partido Comunista, as primeiras frases escritas por Marx e Engels sobre a história da humanidade.

A realidade não é objeto de contemplação (em qualquer sentido: idéia absoluta, o deus que se revela, o rosto sensível do outro), mas de transformação e produção. “Os Filósofos limitaram-se a interpretar (interpretiert) o mundo de distintos modos; trata-se de transformá-lo (verändern)” (DUSSEL, 1974, p.140). O trabalho confere aos objetos da natureza, um valor (coágulo cristalizado do trabalho abstrato).

Outra perspectiva sobre a realidade se encontra em estudos desenvolvidos por Marise Ramos (2005, p. 14) quando esta afirma que:

o real é tanto material - a natureza e as coisas produzidas pelos homens - quanto social, configurado pelas relações que os homens constroem entre si. É pelas relações homem-natureza e homem-homem que o ser humano produz sua existência como espécie e como sujeitos singulares.

A historicidade da realidade funda-se no horizonte do trabalho – pois sem esta categoria fundante torna-se impossível darmos conta de um estudo em ciências sociais – que trate do trabalho e de seus desdobramentos, principalmente da relação entre este e educação.

## **Conclusão**

Neste sentido, encerra-se esta reflexão, com esta proposta: dialética como um dos fundamentos da Educação Popular. Por que orientados por uma concepção de educação popular como práxis transformadora da realidade, entende-se ser esta mesma a função de um “que fazer” da educação popular no continente Latino Américo, um “que fazer” reflexivo, emancipador e orientador de práticas contra-hegemônicas – que tragam consigo a libertação de povos que historicamente estão colonizados por uma ideologia dominante, a qual se caracteriza pela exploração do trabalho, expropriação da terra, bem como da negação total dos direitos destes sujeitos, inclusive do direito de “ser mais”. É impossível não atribuir como um papel importante da educação popular o de transformar consciências ingênuas em consciências críticas, para que organizadas possam transformar suas realidades. Um dos fundamentos desta tarefa histórica que possui a educação popular é a dialética, não idealista, mas materialista e histórica.

Cabe lembrar que enquanto referencia, especialmente no Projeto do Observatório da Educação, a proposta da dialética tende a contribuir como princípio educativo para um debate do desvelamento crítico da realidade, além da possibilidade da transformação social, por meio de uma práxis engajada frente à educação, de acordo com o retorno que a realidade histórica oferece, a partir do resultado da oposição e luta político-econômica entre as classes, hoje com

mais vantagens para o capital, mas isso não significa que o trabalho tenha morrido, porque sem trabalho, não existe capital. Ou melhor, sem trabalho não existe o humano, pois é o trabalho que define este humano, diferenciando-o dos animais.

Neste sentido, pensar dialeticamente é um esforço árduo e difícil – principalmente para nós, brasileiros e latino-americanos, sob influencia do eurocentrismo e do positivismo. Fenômeno muito presente, mesmo hoje, na maioria de nossas instituições educacionais, tanto no ensino básico, quanto no superior, além de não serem sistemas que só manifestam pelas instituições formais, mas está presente na cultura, no meio familiar, nas empresas e até mesmo na opinião pública de uma conversa de bar ou da leitura de um simples jornal. Aprender dialética deveria ser uma cadeira nos bancos das escolas e das universidades, mas é perigoso e incomoda aos poderosos, também denominados “*Os Donos do Poder*”.

## **Bibliografia**

CALDART, Roseli. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13ª ed. São Paulo: Ática 2005.

DUSSEL, Henrique. *Método para uma filosofia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1984.

\_\_\_\_\_. *Tradução de Método para una filosofía de la liberación*. Salamanca: Sígueme, 1974.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRIGOTTO, Gaudêncio. CIAVATTA, MARIA. RAMOS, Marise. *Ensino Médio Integrado: Concepções e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005.

GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. *Concepção Dialética da Educação*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1983.

GRITTI, Silvana Maria. *Educação rural e capitalismo*. Passo Fundo/RS: UPF, 2003.

\_\_\_\_\_. *Técnico em Agropecuária: formação para qual agricultura?* Pelotas/RS: Educat, 2008.

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito I e II*. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da História*. Brasília: UnB, 1999.

\_\_\_\_\_. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, vol. XXX, 1974.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Trad. Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Manifesto do Partido Comunista*. Trad. Maria Luia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro: I. Vol. I e II. Trad:

Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. *Os Pensadores*. Vol. XXXV. São Paulo: Victor Civita, 1974.

MARX, Karl. *O 18 Brumário de Napoleão Bonaparte*, in: Durant, Will, *História da Filosofia – A Vida e as Idéias dos Grandes Filósofos*. São Paulo: Editora Nacional, 1926.

PALUDO, Conceição. “*Educação Popular e Movimentos Sociais*”. ALMEIDA, Benedito; ANTONIO, Clésio; ZANELLA, José (orgs.). *Educação do Campo: um projeto de formação de educadores em debate*. Cascavel/PR: Edunioeste, 2008, PP. 39-54.

KAMMER, Marcos. *A Dinâmica do Trabalho Abstrato na Sociedade Moderna: Uma leitura a partir das Barbas de Marx*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

RAMOS, Marise. *O Público e Privado nas Políticas de Educação Profissional no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2005.

RIBEIRO, Marlene. *Movimento Camponês, Trabalho, Educação*. Liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SMITH, Adam. *Riqueza das Nações*. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.